



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**“BROA PRETA” E “JUMENTA PRETA”: UM ESTUDO SOBRE
VARIAÇÃO LEXICAL**

MARIA ILMA DE ANDRADE MATIAS

CATOLÉ DO ROCHA- PB
2014

MARIA ILMA DE ANDRADE MATIAS

**“BROA PRETA” E “JUMENTA PRETA”: UM ESTUDO SOBRE
VARIAÇÃO LEXICAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Dr. João Irineu de França Neto

Catolé do Rocha – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M433b Matias, Maria Ilma De Andrade
"Broa preta" e "Jumenta preta" [manuscrito] : um estudo sobre
variação lexical / Matias, Maria Ilma De Andrade. - 2014.
31 p. : il.

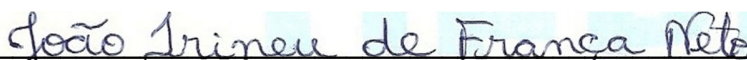
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e
Agrárias, 2014.
"Orientação: Prof. Dr. João Irineu de França Neto,
Departamento de Letras e Humanidade".

1. Broa Preta. 2. Jumenta Preta. 3. Catolé do Rocha. 4.
Belém do Brejo do Cruz. I. Título.

21. ed. CDD 469.2

**“BROA PRETA” E “JUMENTA PRETA”: UM ESTUDO SOBRE
VARIAÇÃO LEXICAL**

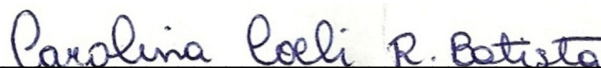
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. João Irineu de França Neto - UEPB/CAMPUS IV
Orientador



Prof. M.Sc. Joana Emília Paulino de Araújo Costa - UEPB/CAMPUS V
Examinador



Prof. M.Sc. Carolina Coeli Rodrigues Batista - UEPB/CAMPUS IV
Examinador

APROVADO EM: 26 de Fevereiro de 2014.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que me ajudaram a trilhar esse caminho, muitas vezes tortuoso, na construção do meu saber.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por chegar até aqui, apesar das dificuldades ao longo do curso. Também a minha família, em especial a minha mãe Rita, que mais me incentivou nesses anos de estudo, ao meu pai José e ao meu irmão Paulo Roberto.

Aos meus colegas de curso que tornaram esses anos de convívio mais alegres e prazerosos. Agradeço em especial a Maria de Lourdes, minha melhor amiga, companheira de curso e cunhada, a Geane, amiga dentro e fora do curso, a Daiana companheira de sala e nos estudos no GLICPOP e aos colegas: Fabíola, Janini, Luciana, Lucas, Ilani, Aldimar, Jordânia, Luan, Clarice e demais colegas.

Ao meu orientador Dr. João Irineu que me proporcionou a experiência dos estudos de campo, em especial aos estudos em sociolinguística, que me proporcionará, futuramente, um aprimoramento dos meus conhecimentos ao longo dos próximos anos.

O linguista que entra no mundo só pode concluir que o ser humano é o herdeiro legítimo da estrutura incrivelmente complexa que nós agora estamos tentando analisar e compreender. (LABOV, 2008, p. 18)

RESUMO

A língua, em seu contexto social, possui varias características dependendo da localidade, adquirindo particularidades próprias dos indivíduos dessa comunidade. Este trabalho, de caráter sociolinguístico, tem como objetivo analisar a frequência em que as variantes, “broa preta” e “jumenta preta”, que designam um pão achatado, arredondado feito com rapadura, são pronunciadas pelos informantes nas cidades de Belém do Brejo do Cruz e Catolé do Rocha, também acrescentando o fator idade a partir de quatro grupos etários: de 15 a 29 anos; de 30 a 45 anos; de 46 a 60 anos e acima de 60 anos. O nosso problema de pesquisa consiste em: qual a variante mais utilizada socialmente; o fator idade influencia o uso em sociedade nas cidades de Catolé do Rocha e Belém do Brejo do Cruz? Escolhemos trabalhar com as duas variantes, pois já trabalhávamos com as respectivas variantes no Grupo de pesquisa em Linguagens e Cultura Popular (GLICPOP). A partir dos estudos sociolinguísticos, vemos que as variantes, incluindo as variantes lexicais, constituem a língua portuguesa em sua modalidade oral, mas sofrem muitos preconceitos devido a não fazerem parte da gramática normativa. Por isso, esse estudo vem mostrar que essas variantes, muitas vezes menosprezadas, fazem parte do dia-a-dia de varias pessoas. Para isso, foram abordados alguns autores, tais como Bagno (2006), Bagno (2008), Labov (2008), que falam da língua, em seu contexto social, e Tarallo (2002), que ajuda a compreender o que é a sociolinguística e como trilhá-la seu processo de estudo. Portanto, a partir desses critérios temos, observando, por exemplo, o uso das variantes socialmente, os seguintes dados: em Catolé do Rocha todos os informantes falaram a variante “broa preta”, enquanto em Belém do Brejo do Cruz 55% falaram a variante “jumenta preta”.

Palavras-chave: Broa Preta. Jumenta Preta. Catolé do Rocha. Belém do Brejo do Cruz.

ABSTRACT

The language in its social context, has several characteristics depending on the location, getting peculiar to the individuals of that community. This work, sociolinguistic character, aims to analyze the frequency with which variants, "broa preta" and "jumenta preta", designating a flat bread made with molasses rounded, are pronounced by the informants in Belém do Brejo do Cruz and Catolé do Rocha, also adding the age factor from four age groups: 15-29 years, 30-45 years, 46-60 years and above 60 years. Our research problem is: what is the most used social variant, the age factor influences the use in society in the cities of Belém do Brejo do Cruz and Catolé do Rocha heath of the Cross? We chose to work with both variants, as already worked with their respective variants Research Group on Languages and Popular Culture (GLICPOP). From the sociolinguistic studies, we see that the variants, including lexical variants constitute the Portuguese language in its oral form, but many suffer prejudice because they are not part of normative grammar. Therefore, this study comes to show that these variants often overlooked, part of day-to-day several people. Thus, some authors, such as Bagno (2006) Bagno (2008), Labov (2008), who speak the language in its social context, and Tarallo (2002), it helps to understand what is the sociolinguistic were addressed and tread it as your study process. Therefore, based on these criteria we have, noting, for example, the use of social variants, the following data: in Catolé do Rocha all informants spoke variant "broa preta", while in Belém do Brejo do Cruz 55% spoke a variant "jumenta preta" .

Keywords: Broa preta. Jumenta preta. Catolé do Rocha. Belém do Brejo do Cruz.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 A Sociolinguística variacionista: aspectos teórico-metodológicos	10
2 Variante Lexical	12
3 Variante não padrão e Preconceito Linguístico	14
4 Os Fatores Extralinguísticos na Pesquisa Sociolinguística: a variável idade	16
5 Descrição da Metodologia	18
6 Estudo das Variantes Broa Preta e Jumenta Preta	20
7 Contexto de Pesquisa: Catolé do Rocha e Belém do Brejo do Cruz	21
8 Análise das Variantes	21
9 Catolé do Rocha	23
10 Belém do Brejo do Cruz	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

A língua não é um objeto estático, pois em seu uso é viva e heterogênea, ou seja, sofre variações e mudanças ao longo do tempo, se molda à comunidade linguística e aos indivíduos de determinada localidade, assumindo particularidades específicas de cada região onde a língua é falada.

Neste trabalho, abordamos a variação lexical que denominam uma comida do sertão da Paraíba, chamada de *broa preta*. Tal comida consiste em um pão achatado, arredondado feito com rapadura. As variantes analisadas foram “broa preta” e “jumenta preta”, com base no seguinte problema de pesquisa: qual a variante mais utilizada socialmente a partir da influência do fator idade?

A metodologia de nosso estudo é quantitativa e qualitativa, delineando-se de acordo com os critérios da sociolinguística variacionista. A coleta de dados foi realizada, através de uma pesquisa de campo, com entrevistas semi-estruturadas e anotações em diário de campo, nas cidades de Belém do Brejo do Cruz e Catolé do Rocha, ambas situadas no sertão da Paraíba. O *corpus* da pesquisa faz parte do acervo do Grupo de Pesquisa em Linguagens e Cultura Popular (GLICPOP), coordenado pelo Prof. Dr. João Irineu, no Departamento de Letras e Humanidades do Campus IV da UEPB. Após a coleta dos dados, foi realizada a transcrição das entrevistas, de acordo com as normas do GLICPOP, como forma de sistematizar de maneira clara e objetiva, em vista das posteriores análises.

O parâmetro de observação e seleção dos informantes da pesquisa foi constituído por quatro grupos etários: de 15 a 29 anos; de 30 a 45 anos; de 46 a 60 anos e acima de 60 anos, conforme adaptação do modelo metodológico de William Labov (2008) e Fernando Tarallo (2002). Dessa forma, analisamos a frequência em que as variantes são pronunciadas pelos informantes nas diferentes faixas etárias.

Foram utilizados como aporte teórico os estudos de Labov (2008), Bagno (2006), Bagno (2008), Tarallo (2002), Calvet (2002), que realizaram vários estudos importantes na área da sociolinguística, Aragão (2011), com o atlas linguístico regional brasileiro, na qual mostra vários exemplos de como a nossa língua pode assumir diversas

características regionais. Além desses autores, temos Marcuschi (2007), Cezario e Votre (2011), Mollica (2011) e Naro (2011).

1 A Sociolinguística variacionista: aspectos teórico-metodológicos

A língua falada não possui uma unidade específica como a língua escrita. A oralidade, dependendo de cada local, possui aspectos próprios. Uma característica pertencente a todas as línguas, segundo Mollica (2004), é que todas elas são heterogêneas e que, de formas distintas, se equivalem no nível vocabular, morfossintático, fonético-fonológico e pragmático-discursivo.

Nos estudos linguísticos, a análise da língua vai além da palavra. Observar onde essa língua está inserida responde várias questões que estão escondidas e somente lançando um olhar para a comunidade linguística, ou seja, os grupos sociais nos quais o falante está inserido, é que resolverá os problemas de reflexão quanto ao uso da língua falada. Esses estudos estão ligados a uma das subáreas da linguística: a sociolinguística.

Dentro da sociolinguística existe a sociolinguística variacionista, ou teoria da variação, consolidada por William Labov na década de 1960. Tal corrente teórica acrescenta os fatores sociais na análise linguística, até então ignorados pela linguística gerativista, que desconsiderava a comunidade social e seus falantes interferindo na estrutura da língua.

Além disso, os estudos sociolinguísticos se abrem para abordar os aspectos semânticos, também desconsiderados na linguística estrutural e gerativista. Segundo Marcuschi:

É sabido que a semântica de línguas naturais tem a ver com algo mais do que o simples significado de palavras. Cabe-lhe também uma análise das relações entre as unidades e não convém que descure o contexto maior de seu funcionamento nas sentenças dentro de uma situação definida por aspectos pragmáticos ou extralingüísticos. Isso determina que uma sentença seja mais do que o produto da soma de suas partes. (2007, p. 16-17)

Segundo Cezario e Votre (2011), a sociolinguística variacionista possui uma metodologia específica capaz de fornecer ao pesquisador todas as ferramentas

necessárias à pesquisa, estabelecendo variáveis para a coleta e decodificação dos dados e instrumentos computacionais capazes de definir e analisar seu objeto de estudo. Além disso:

A abordagem variacionista baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação do dia a dia. Procura demonstrar como uma variante se implementa na língua ou desaparece.” (*Op. cit.*, p. 142).

Ao objeto de estudo da sociolinguística variacionista dá-se o nome de variante. Esse termo indica mais de um uso, significado ou palavra. Variante é quando se utiliza um termo ou palavra para designar a mesma coisa. “A um conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável linguística’” (TARALLO, 2002, p. 8)

O sentido de uma determinada variante só é possível interligando-a com a comunidade e seus falantes. Observá-los ajuda a desvendar o estudo dos sentidos, como por exemplo, de uma variante lexical, no nosso caso as variantes broa preta e jumenta preta, objeto de estudo do nosso trabalho, que designam um pão achatado, arredondado feito com rapadura.

Todo e qualquer dado na sociolinguística é coletado através de pesquisa de campo. Esses dados servirão de base para estudos atuais e posteriores, por exemplo, relacionados à mudança na língua. Mas, o pesquisador precisa ter cuidado ao lidar com a língua em seu contexto de fala, ou seja, na interação em sociedade.

Segundo Labov (2008), qualquer pessoa que inicie seus estudos sobre a língua em seu contexto social logo “se depara com o clássico problema metodológico: os meios empregados para coletar os dados interferem nos dados a serem coletados” (*op. cit.*, p. 63). Por isso, o pesquisador deve neutralizar o máximo possível sua presença. Mas, o que o pesquisador, primeiramente, deve fazer:

[...] é estudar a pessoa em seu contexto social natural – interagindo com a família ou com seus pares (Labov, Cohen, Robins & Lewis, 1968). Outro modo é observar o uso público da língua na vida diária fora de qualquer situação de entrevista – para ver como as pessoas usam a língua em contexto quando não existe observação explícita. (LABOV, *Op. cit. p. 63*)

Para chegar a esse resultado, precisa-se de um número considerável de dados, coletados através de pesquisas, recolhendo-os por meio de gravação de áudio ou vídeo. No momento da entrevista, deixa-se o informante à vontade para que o seu relato saia de forma espontânea, com o intuito de não prejudicar os dados. Futuramente, ao analisar os dados, isso ajudará o pesquisador a encontrar aquilo que ele procura.

Apesar dos esforços dos sociolinguístas, nos estudos sobre a língua falada, ainda há muito preconceito quanto ao modo como as pessoas falam (como será tratado mais adiante). A língua falada é característica própria de uma comunidade linguística, por isso o esforço dos sociolinguístas vem nos mostrar que, apesar das várias formas que a língua adquiriu, ela é uma extensão da cultura daquele lugar, onde a mesma é falada.

A língua, com suas características fonético-fonológicas, morfossintáticas, etc., própria de cada país, região, estado e cidade, é heterogênea, rica e viva. Por isso, é repleta de variações e continua mudando e sempre vai mudar.

2 Variante Lexical

Como já foi dito, na comunidade linguística, muitas vezes, existe mais de uma palavra para designar a mesma coisa, esse termo é normalmente conhecido como variante. Há, de certa forma, uma competição entre essas variantes, o que ocasiona, ou não, a extinção de uma delas; ou as mesmas podem conviver sem que haja competição, conforme indica Tarallo:

Nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança lingüística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim, indica sempre variação. Mudança é variação! Os resultados das análises de variantes apontam, de maneira geral, para duas direções distintas: 1. a estabilidade das adversárias (...); 2. a mudança em progresso (que reflete uma situação de duelo de morte entre as variantes). (2008, p. 63)

Esse dinamismo da língua, inerente a sociedade e a cultura, ocasionam mudanças, não só no país, mas em todas as regiões; algo pode ser dito de diferentes formas,

[...] a mesma língua pode ser pronunciada diferentemente, ou ter um léxico diferente em diferentes pontos do território. Desse modo, um réptil comum em todo o Brasil é chamado de 'osga' na região norte, 'bribo' ou 'vibora' no nordeste, e 'lagartixa' no centro-sul (CALVET, 2002, p. 89).

Não é somente de região para região que essa variação é tão nítida. Em um estado como o da Paraíba, a variação lexical é bem expressiva. Por exemplo, um alimento que faz parte do dia a dia das pessoas, em algumas partes do Nordeste, é um tipo de pão redondo, achatado, feito com rapadura, e que tem alguns nomes, dentre eles: broa preta, jumenta preta, burra preta, chapéu de couro, soda preta, e outras prováveis variantes que possam existir.

A variação linguística na constituição do léxico da língua dá-se por diversos fatores: faixa etária, sexo, etc. Estes fatores influenciam os vocábulos, colocando características a cada palavra. Pois:

[...] para que uma língua entre outras se imponha como a língua legítima é preciso um mercado linguístico unificado, no qual o valor das diversas outras línguas e dos dialetos (sociais ou regionais) seja medido em comparação à língua dominante (CALVET, 2002 p. 107)

Todavia, o uso de determinada variante pode ser opcional, como cita Calvet (2002), um falante, por exemplo, ao se referir a banheiro, pode usar "latrina", "reservado", "toalete", por diversas razões, para chocar, infringir a norma, se rebelar, etc. O mesmo autor ainda explica que o uso de uma determinada variante pode ser consciente (indica o comportamento do falante) ou inconsciente (indica algo sobre a categoria social do falante).

Para exemplificar melhor sobre as variantes lexicais, Aragão (2011, p. 42) traz em seu trabalho exemplos dessas variantes presentes nos atlas linguístico dos seguintes estados do Brasil: Bahia, Paraíba, Sergipe e Paraná. Nesse exemplo, ela traz a palavra "Rótula":

Rótula

A questão referente ao osso redondo que fica na frente do joelho, obteve, nos quatro Atlas que consideraram esta questão, a seguinte variação lexical:

a) Na Bahia

**Rótula Pataca Bolacha Pataquinha
Patinho**

**Cotovelo Bolachinha Prato Rodela
Carapuça Bolinha**

b) Na Paraíba

Rótula Cabeça do joelho Bolacha
Patinho

Bolacha do joelho Bolachinha
Rodinha do joelho

c) Em Sergipe

Rótula Patinho Bolacha Bola

Patinho Catoca Cotovelo

Carapucinha Cabeça

d) No Paraná

Rótula Batata Pataca
Patacão

Bolacha Tavela Bolacha do joelho
Tavela do joelho

Há um total de vinte e quatro variantes nesse quatro estados, sendo que apenas “rótula” e “bolacha” são mencionadas em todas as cidades mostradas. “A seguir, em termos de difusão para outras regiões, vem patinho. As demais formas aparecem em duas ou em uma das regiões. (...) De 35 itens encontrados, 20 contém o sema redondo ou arredondado, ou seja, 57% do total” (ARAGÃO 2011, p. 42).

3 Variante não padrão e Preconceito Linguístico

No Brasil, a língua portuguesa ganha algumas particularidades em cada região, estado e cidade. Dependendo da localidade onde se fala, a língua pode variar fonética, fonológica, sintática e morfologicamente:

[...] o que habitualmente chamamos de português é um grande ‘balaio de gatos’, onde há gatos de vários tipos: machos, fêmeas, brancos, pretos, malhados, grandes, pequenos, adultos, idosos, recém-nascidos, gordos, magros, bem-nutridos, famintos, etc. Cada um desses “gatos” é uma variedade de português brasileiro, com sua gramática específica, coerente, lógica e funcional. (BAGNO 1999, p. 18).

O autor explica que, embora no Brasil fale-se o português, essa língua possui um alto grau de diversidade e variabilidade, tanto pela grande extensão do território brasileiro, como também por causa das injustiças sociais, o que impossibilita milhões de pessoas terem acesso à educação.

As variantes linguísticas, estudadas pela sociolinguística variacionista, são estigmatizadas pela norma padrão da língua portuguesa, que estabelece a forma correta de se “falar” e “escrever”. Consideradas como não padrão, as variantes são discriminadas por não se encaixarem dentro das regras preestabelecidas pela norma culta.

Alguns fatores, sociais e educacionais, ocasionam o preconceito linguístico. Com relação à educação, segundo Bagno (2006), o preconceito é perpetuado por três elementos, que são a gramática tradicional, os métodos tradicionais de ensino e os livros didáticos.

Para o autor, esses três elementos formam o que ele chama de círculo vicioso do preconceito linguístico. O círculo surge da seguinte maneira: “... a gramática tradicional inspira a prática de ensino, que por sua vez provoca o surgimento da indústria do livro didático, cujos autores – fechando o círculo – recorrem à gramática tradicional como fonte de concepções e teorias sobre a língua.” (op. cit., 2006).

Consequência, o ensino de língua portuguesa fica pautado à norma culta, desconsiderando o que o aluno traz no seu convívio familiar e social. Menosprezando a forma de se falar a língua e as palavras, que somente são ditas socialmente, a escola impõe a forma correta de se falar e quais são as palavras certas a se dizer.

Socialmente, a língua sofre diversas formas de preconceitos. A forma como uma língua é pronunciada, por exemplo, muitas vezes, é menosprezada por outros falantes dessa mesma língua. Um exemplo é o sotaque nordestino, que é mencionado por muitos sulistas de forma pejorativa.

[...] a divisão das formas lingüísticas em línguas, dialetos e patoás é considerada, de maneira pejorativa, como isomorfa a divisões sociais que por sua vez também se fundam em uma divisão pejorativa. À língua corresponde uma comunidade “civilizada”, aos dialetos e aos patoás comunidades de selvagens, os primeiros agrupamentos em povos ou em nações, os segundos, em tribos. E se utiliza todo um leque de

qualitativos, dialeto, jargão, algaravia, patoás, para significar em que baixa conta se tem certo do de falar (CALVET, 2002, p. 67-68).

Reverter o problema do preconceito linguístico vai além de querer combatê-lo. Segundo Bagno (2006), só será possível acabar com o preconceito linguístico quando houver uma transformação na sociedade, mas o autor coloca que se pode fazer pequenos gestos que minimizem esse problema, por exemplo, se muitos professores abandonassem o ensino gramatical arcaico e passassem a ensinar, além do ensino tradicional, como a língua varia no meio social.

4 Os Fatores Extralinguísticos na Pesquisa Sociolinguística: a variável idade

Nos estudos sociolinguísticos, observar somente a fala não responde todas as perguntas capazes de entender como ocorrem os processos de variação da língua. Por isso, algumas variáveis são observadas, como: idade, sexo, escolaridade, etc. Essas variáveis, chamadas de extralinguísticas, ou seja, que estão fora da língua (mais precisamente, dentro da sociedade) são responsáveis por responder várias questões de pesquisa acerca da variabilidade da língua.

Saber quais fatores extralinguísticos estudar, dentro do estudo da variante, segundo Tarallo (2002), é a critério do pesquisador, mas conforme o seu objeto de pesquisa. Quando se estabelece qual variável analisar, como por exemplo, no caso de uma variante lexical, pode-se observar a faixa etária e a escolaridade, ou outro critério de escolha conforme a pesquisa.

Porém, segundo Tarallo (2002, p. 46), “esses parâmetros não são, no entanto, facilmente operacionáveis. Estabeleça, portanto, critérios rígidos para eles.” Pois esses fatores, segundo o mesmo, garantem a representatividade da amostra.

Por isso, com relação à faixa etária, os informantes são divididos em grupos etários, que consistem basicamente, segundo Tarallo (2002), em três grupos etários: grupo 1: de 15 a 29 anos; grupo 2: de 30 a 45 anos; grupo 3: de 46 a 60 anos. Mas, à pesquisa das variantes broa preta e jumenta preta foi acrescentado outro grupo etário:

grupo 4: acima de 60 anos, apoiando-se metodologicamente nas descrições de Labov (2008).

Para exemplificar melhor, como o fator idade é importante, pode-se citar a pesquisa relacionada à centralização de (ay) e (aw) em Martha's Vineyard. Primeiramente, segundo Labov (2008, P. 41), pode-se ver que a centralização de (ay) e (aw), de acordo com o quadro abaixo, varia conforme a faixa etária e, logo após, pode-se ver que “parece exibir um aumento regular em faixas etárias sucessivas, alcançando um pico no grupo de 31 a 45 anos.” (op. cit., p. 41):

Idade	(ay)	(aw)
75-	25	22
61-75	35	37
46-60	62	44
31-45	81	88
14-30	37	46

A partir dos estudos diacrônicos da língua, observa-se como uma determinada variante se comporta ao longo do tempo. Com relação à idade, por exemplo, utilizam-se estudos em tempo aparente, que são estudos realizados sob os mesmos aspectos, mas desempenhados em épocas distintas, observando a mesma variante. Por isso, segundo Naro (2004, p.45):

[...] a fala de uma pessoa com 60 anos hoje representa a língua de quarenta e cinco anos atrás, enquanto outra pessoa com 40 anos hoje nos revela a língua que há apenas vinte e cinco anos. A escala em tempo aparente, obtida através do estudo de falantes de idades diferentes, é chamada geração etária. Ela corresponde, sempre sob a hipótese clássica, a uma escala de mudança em tempo real.
(...)

Idade atual (em anos)	Estados da língua (anos atrás)
70	55
60	45
50	35
40	25
30	15
20	5

Estudar a língua em seu contexto social, a partir da idade, conforme alguns aspectos (como o processo de aquisição do léxico), segundo Naro (2004), é bastante complexo, pois mesmo com os estudos linguísticos avançados, não se sabe até que ponto a língua pode mudar no decorrer dos anos. Existem, segundo o autor, duas teorias, mas sem evidências empíricas convincentes.

A primeira, e classificada como clássica, é aceita tanto por sociolinguístas quanto por gerativistas, na qual diz que o processo de aquisição do léxico encerrasse na puberdade, por volta dos quinze anos.

A segunda teoria, apoiada na psicologia desenvolvimentista, diz que a gramática que o indivíduo adquire não pode sofrer mudanças significativas, pois

(...) o acesso aos dispositivos cognitivos que possibilitam a sua manipulação (a chamada faculdade linguística) fica bloqueado (...). Quaisquer eventuais mudanças seriam apenas esporádicas: troca de uma palavra por outra, troca de pronúncia de uma palavra, etc.” (NARO 2004, p. 44).

A partir desses dados, pode-se ver o quão importante é uma variável extralinguística (como o fator idade) pode ser importante nos estudos sociolinguísticos. Por isso, nos próximos tópicos, veremos como esse fator será aplicado dentro da pesquisa das variantes “broa preta” e “jumenta preta”.

5 Descrição da Metodologia

Neste trabalho discutimos sobre a pesquisa a respeito das variantes “broa preta” e “jumenta preta”, realizada nas cidades de Catolé do Rocha e Belém do Brejo do Cruz, ambas situadas no estado da Paraíba.

Trata-se de uma pesquisa de Campo com base na sociolinguística.

Entrevistamos ao todo vinte e quatro pessoas. Na cidade de Catolé do Rocha foram quinze informantes e em Belém do Brejo do Cruz foram nove informantes, separados em quatro grupos etários conforme tabela abaixo:

Tabela 1. Número de Informantes por cidade

Faixa Etária dos Informantes	Número de Informantes	
	Catolé do Rocha	Belém do Brejo do Cruz
Idade de 15 a 29 anos	4 informantes	1 informante
Idade de 30 a 45 anos	4 informantes	5 informantes
Idade de 46 a 60 anos	4 informantes	1 informante
Idade acima de 60 anos	3 informantes	2 informantes

Fonte: Criada pelo autor com base nos dados da pesquisa.

Com relação à realização das entrevistas, primeiramente, na cidade de Catolé do Rocha as pesquisas foram feitas em vários períodos entre 2012 e 2013, enquanto em Belém do Brejo do Cruz realizamos todas as entrevistas em um único dia, no ano de 2012.

Os critérios, da pesquisa, se basearam na variante a ser estudada, por isso nos baseamos na pesquisa sociolinguística de Fernando Tarallo, que continha vários princípios que conduziram a nossa pesquisa, na qual nos baseamos nos três primeiros grupos etários, e no trabalho de William Labov, precursor da sociolinguística, na qual contem varias pesquisas na área.

O fator extralinguístico mais relevante a ser observado foi à faixa etária. Escolhemos observar a idade, pois achamos que fosse o fator mais relevante a ser visto na pesquisa, devido ao nosso objeto e o objetivo. Ela é fundamental nessa pesquisa, pois se observa a ocorrência de determinada variante na fala do informante a partir da idade.

A elaboração do questionário foi feita para aproximar o entrevistador do entrevistado. As perguntas eram simples, para que os informantes pudessem responder sem dificuldade (apêndice). A linguagem utilizada na entrevista era casual, ou seja, a mesma utilizada no meio social por todos os informantes.

Em todas as cidades se fez necessário o uso de um intermediador. Ter contato, primeiramente, com alguém da comunidade foi uma significativa maneira de nos aproximarmos do diálogo com a comunidade linguística em questão.

No caso da nossa entrevista sobre as variantes “broa preta” e “jumenta preta”, os intermediadores estavam no grupo de pesquisa, da qual essa pesquisa faz

parte. Trata-se do Grupo de Pesquisa em Linguagens e Culturas Populares – GLICPOP, coordenado pelo Prof. Dr. João Irineu, no Campus IV da UEPB.

O pesquisador, segundo Tarallo (2002), independente do seu objeto de estudo, deverá neutralizar sua presença, com gravador ou câmera, para que os dados de fala sejam os mais naturais possíveis. Também não podemos mencionar o motivo da entrevista. No caso das variantes estudadas, se falássemos o objetivo ao informante, o mesmo não poderia falar uma dessas variantes, pois iria optar por outra variante de maior prestígio social.

Mas, de tudo que já foi dito agora, o mais importante, segundo Labov (2008), não é o que você vai falar às pessoas, e sim seguir as técnicas elaboradas pelos sociolinguístas, pois nelas estão contidas “vários princípios importantes do comportamento social. O exame minucioso dessas hipóteses e descobertas metodológicas nos dirá muita coisa sobre a natureza do discurso e as funções da linguagem” (op. cit., p. 242).

O pesquisador, segundo Labov (2008), deve se atentar para alguns fatores:

A questão sociolinguística fundamental é suscitada pela necessidade de entender por que alguém diz alguma coisa. Há questões metodológicas de amostragem e gravação que simplesmente põem em cena os problemas básicos. (...) bons dados exigem boa gravação, especialmente para a análise gramatical da fala natural. “Uma vez definidas e isoladas as variáveis importantes, muito se pode fazer com anotações manuscritas.” (op. cit., p. 242-243)

As descrições, dadas até o momento, serviram de base para a pesquisa das variantes broa preta e jumenta preta. Seguir precisamente a metodologia empregada na pesquisa garante a representatividade do resultado das amostras.

6 Estudo das Variantes Broa Preta e Jumenta Preta

A escolha de se trabalhar com as variantes “broa preta” e “jumenta preta”, no respectivo trabalho, foi resultado dos estudos no Grupo de Pesquisa em Linguagens e Cultura Popular (GLICPOP), coordenado pelo Professor Dr. João Irineu.

A partir das discussões no GLICPOP descobrimos, inicialmente, que a variante “jumenta preta” é muito utilizada na cidade de Belém do Brejo do Cruz, enquanto a variante “broa preta” seria a mais utilizada em Catolé do Rocha.

Neste trabalho, observamos as duas variantes nas cidades de Belém do Brejo do Cruz e Catolé do Rocha. Realizamos um estudo lexical a partir da frequência em que essas variantes eram pronunciadas, também conforme a faixa etária dos informantes.

Os estudos com a variante podem nos render boas descobertas, tanto semanticamente quanto lexicalmente. Mas, nos reservamos, nesse trabalho, em estudar apenas as formas lexicais, observando, por exemplo, se determinada variante é mais falada por determinada faixa etária.

7 Contexto de Pesquisa: Catolé do Rocha e Belém do Brejo do Cruz

As duas cidades, locais da pesquisa, situam-se próximas, pouco mais de 36 km na mesma estrada que vai em direção ao Rio Grande do Norte e 50 km indo por Brejo do Cruz; em média uma hora entre ambas as cidades¹.

A cidade de Catolé do Rocha possui 29.794 habitantes², enquanto Belém do Brejo do Cruz pouco 7.291³.

8 Análise das Variantes

As duas variantes, como citamos anteriormente, designam um pão achatado, arredondado, feito com rapadura. Esse alimento é típico na região nordeste, mas

¹ Dados do Google Maps.

² Dados do IBGE, conforme último censo realizado em 2010. Os respectivos dados são referentes à expectativa da população estimada para 2013.

³ Dados do IBGE, conforme último censo realizado em 2010. Os respectivos dados são referentes à expectativa da população estimada para 2013.

também é encontrado em outras regiões, como na região sudeste, conforme mencionado pelo informante 7, na cidade de Catolé do Rocha:

Pesquisador- Hum (+), aqui em Catolé do Rocha essa comida só é conhecida por esse nome?

Informante- não, aqui em Catolé é conhecido como broa, mas em outros lugares chama-se:: pão de milho, pão-de-ló, em outros lugares chama Maria mole/

Pesquisador- Quais outros lugares (+) que você conhece?

Informante- bom (+) na região nordestina (+) na parte mais:: (+) próxima à cidade da gente, todos conhecem por broa (+)já em cidades mais distantes, como Pernambuco, como (+) é:: posso dizer (+) assim em João Pessoa, que é mais distante daqui (+) São Paulo já dão nomes diferentes.

Observando o uso das variantes nas duas cidades, podemos ver que, por exemplo, na cidade de Belém do Brejo do cruz a variante “jumenta preta” é bastante utilizada, mas não tem o mesmo prestígio que a variante “broa preta”, o que será visto mais adiante. No diário de campo da referida cidade existe o relato pós entrevista, na qual a informante 6 diz:

Após o término da entrevista, a informante (...) disse-nos que só fala a variante ‘jumenta preta’ para pessoas que ela conhece. Quando vai comprar essa comida em um mercadinho ou supermercado que não conhece, ela somente cita o nome ‘broa preta’ e somente fala a outra variante quando compra em lugares conhecidos, como o mercadinho próximo a sua casa.

Outro exemplo, ainda na cidade de Belém do Brejo do cruz, é o da informante 4:

Pesquisador - o que é ela?

Pesquisador - é broa!

((risos))

Pesquisador - (+) é:: aqui em Belém essa comida é só conhecida por esse nome?

Informante- é broa preta.

Pesquisador - broa preta? Num existe mais outro nome pra ela?

Informante- (++) eu num sei.

Pesquisador - não? Então /

Informante- eu só conheço ela por broa preta (+) jumenta ((risos))

Pesquisador – (+) o que?

((risos))

Pesquisador - hem, Bebê?

Informante- ((risos)) ((a mesma fala rindo, por isso não há compreensão))

Pesquisador - você sempre conheceu essa comida por esse nome?

Informante- (+) eu mesmo conheci por:: broa preta, mas meus pais conhece por jumenta (+) preta.

Na transcrição acima, vemos que o informante tem receio de citar a variante “jumenta preta”, ou por vergonha ou porque acha que a palavra correta é “broa preta”.

Com relação à variante “jumenta preta”, na cidade de Catolé do Rocha somente dois informantes citaram essa variante, sob os seguintes aspectos:

Informante 3

(...)

Pesquisador- (+) â:: você sempre conheceu essa comida por esse nome broa?

Informante- foi conhecido por broa (+) primeiramente a gente chamava até p’um apelido chamava jumenta preta.

Pesquisador- sim jumenta preta.

Informante- ((riso)) é.”

Informante 6

Pesquisador- Em Catolé do Rocha essa comida é só conhecida por esse nome?

Informante- (+) acho que (+) sim (+) broa preta, jumenta preta sei lá.”

(...)

“Diário de Campo- informante 6

A informante citou a variante jumenta preta durante a entrevista, mas, após o término, segundo a mesma, essa palavra é falada por pessoas mais velhas (idosos).

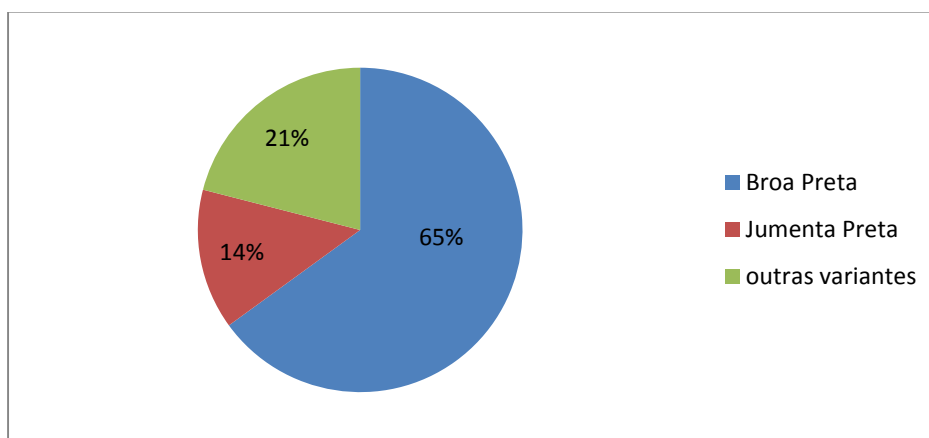
Comparando a quantidade de habitantes com o uso das variantes, vemos que o uso da variante “jumenta preta”, pouco vista em Catolé do Rocha, é mais usada em Belém do Brejo do Cruz, devido ao menor contingente populacional.

9 Catolé do Rocha

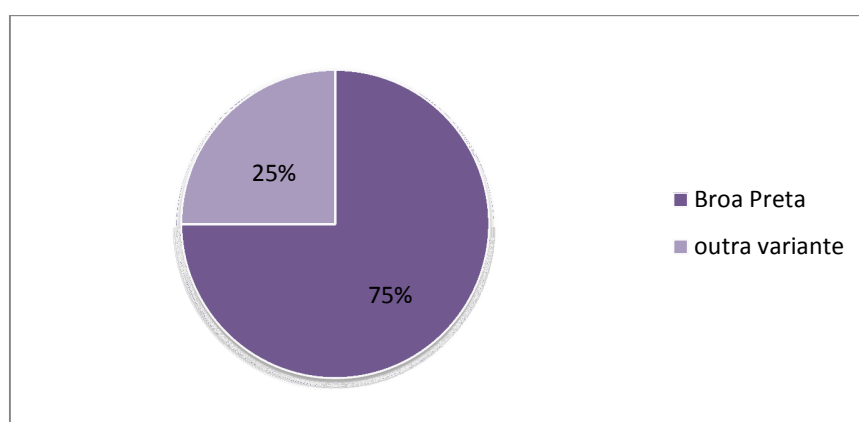
Considerando a primeira pergunta, “Você sabe me dizer o que é isso? ((mostra-se o alimento))”, todos os informantes falaram “broa preta”, mas com relação ao conhecimento sobre outras variantes, o informante 7 mencionou “pão de milho”, “pão-de-ló” e “Maria mole” e a informante 9 a variante “burra preta”.

A primeira pergunta serve para mostrar qual variante, normalmente, é usada pelo informante, por isso a necessidade de não se dizer o nome desse alimento no momento da entrevista.

Relacionado à pergunta 3, “Aqui em Catolé do Rocha essa comida só é conhecida por esse nome?” e a pergunta 5, “Você sempre conheceu essa comida por esse nome?”, temos, a partir daí, os seguintes resultados.



Com relação à idade dos informantes, o primeiro grupo de 15 a 29 anos, 25% dos informantes disse conhecer outra variante, o que não inclui a variante “jumenta preta”.



No segundo grupo, que corresponde de 30 a 45 anos, 50% dos informantes disse conhecer outra variante, o que não inclui a variante “jumenta preta”. O mesmo

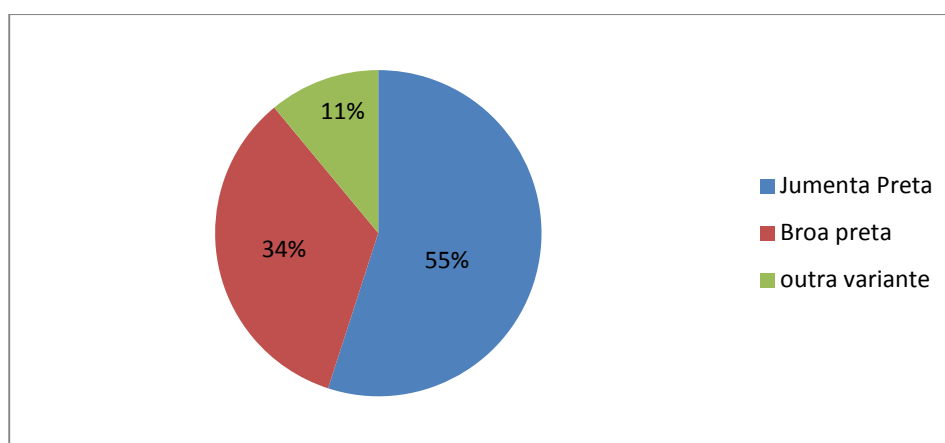
processo ocorre no terceiro grupo, de 46 a 60 anos, mas com relação à variante jumenta preta; 50% dos informantes disseram conhecer essa variante.

O último grupo, acima de 60 anos, somente citou a variante “broa preta”, e disseram não conhecer outro nome para designar esse alimento.

Conclui-se que a variante “jumenta preta” atualmente não é utilizada em Catolé do Rocha, embora algumas pessoas disseram conhecê-la. Isso se deve ou pelo fato de serem mais velhas ou por conhecer a variante por intermédio de outrem.

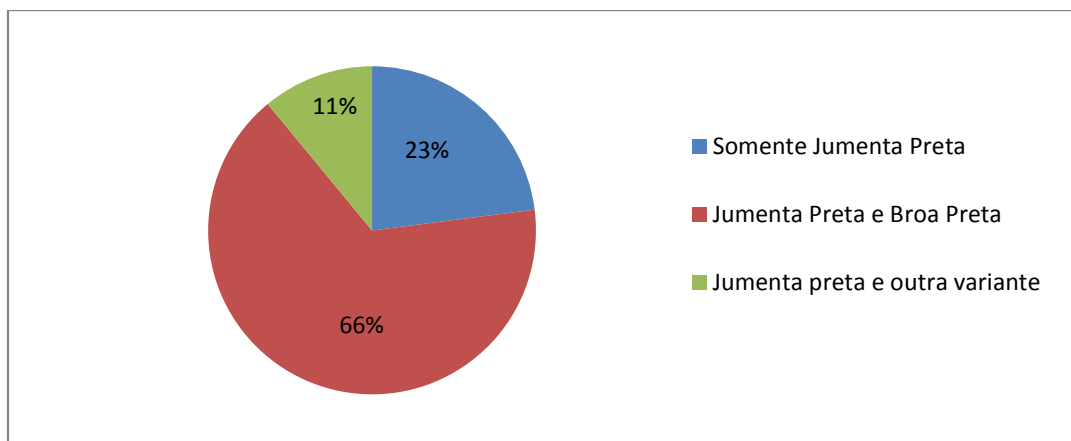
10 Belém do Brejo do Cruz

Considerando a primeira pergunta, “Você sabe me dizer o que é isso? ((mostra-se o alimento))”, temos os seguintes dados:



Na cidade de Belém do Brejo do Cruz, tomamos mais cuidado com a primeira pergunta, e também não falamos outra variante, a não ser que o informante falasse, pois sabíamos, previamente, que a variante “jumenta preta” era bastante conhecida naquela comunidade.

Mas, com relação ao conhecimento sobre as variantes estudadas, temos os seguintes resultados:



Considerando a idade dos informantes, os dados são imprecisos, pois apresentam algumas variações como, por exemplo, no primeiro grupo, que corresponde de 15 a 29 anos, só conseguimos um informante nessa categoria, o que torna impreciso qualquer julgamento sobre a variante “jumenta preta”. O informante 9 diz conhecer somente a variante “jumenta preta”:

Pesquisador- (+) á: (+) aqui em Belém do brejo do cruz só é conhecido por jumenta preta?

Informante- só

Pesquisador - somente

Informante- (+) que eu saiba só

Mas, a partir do diário de campo, por intermédio da entrevista de um dos informantes, que está no segundo grupo, e que corresponde a faixa etária de 46 a 60 anos, temos o seguinte registro no dia que entrevistamos o informante 8:

Durante a entrevista, o informante Ednaldo falou a variante ‘jumenta preta’ e desconhecia, segundo o mesmo, outro nome. Mas, uma das filhas falou ‘broa’, por isso o informante falou a variante ‘broa’.

“(…)

Pesquisador - Você saberia me dizer o que é isso? ((mostra-se o alimento))

Informante- não sei! Chama aqui pra nós chama de jumenta preta conhecido pela gente como jumenta preta.

Pesquisador - sim pra você o que é essa comida?

Informante- alimento né?

Pesquisador – hum (+) e: (+) aqui em Belém do Brejo do Cruz só é conhecido só por jumenta preta?

Informante- aqui pra nós é

Pesquisador - não tem nenhum outro nome?

Informante- não

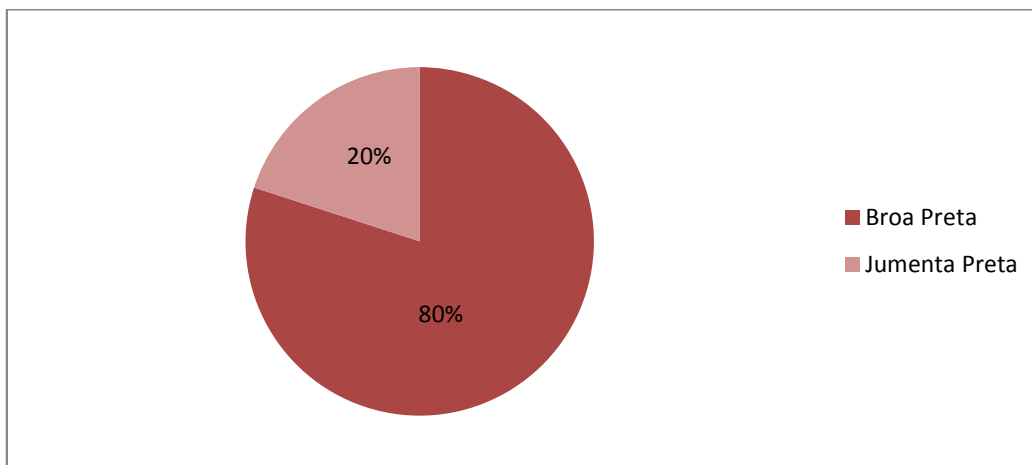
((uma das filhas do informante, ao fundo, fala a palavra broa))

Pesquisador - porque /

Informante- sim tem um nome conhecido assim se chama (+) chama aqui é que de primeiro chamava jumenta preta, mas chama broa né?
(...)”

A filha desse informante se encaixa no primeiro grupo etário, descrito acima, o que invalida qualquer análise favorecendo somente o uso da variante “jumenta preta”, por essa faixa etária.

O segundo grupo etário, de 30 a 45 anos, apresenta os seguintes dados:



Considerando a primeira pergunta, “Você saberia me dizer o que é isso? ((mostra-se o alimento))”, todos conhecem as duas variantes mostradas acima. O que procuramos esclarecer é qual variante esse indivíduo usa normalmente. O que não impossibilita o uso de determinada variante, conforme o contexto em que esse informante se encontra, como já mencionado anteriormente no diário de campo, é o que foi informado pelo informante 6:

O penúltimo grupo, de 46 a 60 anos, apresenta o mesmo problema que o primeiro. Com apenas um informante, a análise das variantes conforme o grupo etário é imprecisa, pois o mesmo, primeiramente, só conhecia a variante “jumenta preta”, mas com a interferência de sua filha, como citado anteriormente, na qual ela cita o nome “broa”, ele diz existir outro nome para designar aquele alimento (o nome broa).

No ultimo grupo, que corresponde à faixa etária acima de 60 anos, 50% dos informantes disse conhecer somente a variante “jumenta preta”, enquanto a outra metade nos informou conhecer as duas variantes, mas usa, preferencialmente, a variante “jumenta preta”.

Informante 5

Pesquisador- então o senhor sabe o que é isso? ((mostra-se o alimento))

Informante- sei!

Pesquisador - o que é? ((risos))

Informante- ((gagueja)) eu digo pelo nome?

Pesquisador - sim!

Informante- jumenta preta.

Pesquisador - isso mesmo! Então (+) jum/ aqui na cidade o senhor conhece essa comida só por esse nome?

Informante 1

Pesquisador- bom boa tarde!

Informante- boa tarde.

Pesquisador- você saberia me dizer o que é isso? ((mostra-se o alimento))

Informante- (+) aqui a gente conhece por jumenta preta.

(...)

Pesquisador – você sempre conheceu essa comida por esse nome?

Informante- eu conheci (+) outros chamam burra p/ como é? Jumenta outros broa.

O que é correto afirmar, a partir dos dados apresentados, é que a variante broa preta, em ambas as cidades, tem maior prestígio social que a variante “jumenta preta”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora haja uma vastidão de estudos sociolinguísticos, a língua em sua modalidade oral, com suas múltiplas variações, é muitas vezes alvo de preconceito linguístico por parte de seus falantes, devido aos padrões estabelecidos pela gramática normativa, que estabelece o “certo” e o “errado” na língua.

Neste sentido, os esforços dos sociolinguístas vêm mostrar o quão diversificada é a língua, em todos os seus níveis de análise, o que faz, por exemplo, que uma determinada palavra possa ser comum no uso de uma comunidade de fala e ausente em outras, causando inclusive estranhamento quando usada em contextos comunicativos em que não é conhecida pelos falantes.

As pesquisas realizadas em Belém do Brejo do Cruz e Catolé do Rocha nos levam a observar diferenças no uso cotidiano das variantes estudadas em nosso trabalho. Em Belém do Brejo do Cruz o uso da variante *jumenta preta* é bastante frequente, ao lado do uso da variante *broa preta*, sendo esta última considerada pelos falantes a variante de prestígio. Enquanto em Catolé do Rocha, a frequência de uso da variante *jumenta preta* é menor, restringindo-se ao conhecimento dos falantes, como sendo uma forma linguística dos mais idosos, sem utilização efetiva na fala dos informantes mais jovens. Como em Belém, a variante *broa preta* é vista como a variante de prestígio social, sendo a outra a variante estigmatizada.

Portanto, através do estudo das variantes linguísticas abordadas neste trabalho, buscamos contribuir para os estudos sociolinguísticos naquilo que eles têm de regionais, valorizando as variantes específicas do sertão da Paraíba, que podem ser utilizadas no ensino de língua materna dos sujeitos sociais que participam dos contextos sócio-comunicativos das cidades em que as variantes são utilizadas.

REFERÊNCIAS:

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Atlas Linguístico Regionais Brasileiros: Itens Lexicais Sinônimos e Parassinônimos**. Universidade Federal do Ceará (UFCE), Universidade Federal da Paraíba (UFPB). VOL. 16 – ANO 35- Nº 1 – 2011. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/actas/article/download/14965/8501>.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. ed. 43. São Paulo: Loyola, 2006.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. **In: Manual de Linguística**. ed. 2. São Paulo: Contexto, 2011.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**/ William Labov; tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Aspectos problemáticos numa Semântica Lógica para línguas naturais. **In: Fenômenos da Linguagem: reflexões semânticas e discursivas**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. **In: Introdução à sociolinguística: O tratamento da variação**. / Maria Cecília Mollica, Maria Luiza Braga (orgs.). ed. 2. São Paulo: Contexto, 2004.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. **In: Introdução à sociolinguística: O tratamento da variação.** / Maria Cecília Mollica, Maria Luiza Braga (orgs.). ed. 2. São Paulo: Contexto, 2004.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística.** Ática, ed. 7. São Paulo, 2002.